



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO

O SECULO

DE SANTA
RITA

VOGAIS e CONSOANTES

Por LAURA CHAVES

lhe pôs a alcunha da «Bucha»
e à magra I de «Estica».

Malcriada, falsa e má,
a letra H, que é líriú,



Houve zangas infernais,
com palavras irritantes,
entre as meninas vogais
e as meninas consoantes.

O pai, o velho A. B. C.,
fugia dessas guerrilhas;
por ser um pobre ché-ché,
tinha até medo das filhas.

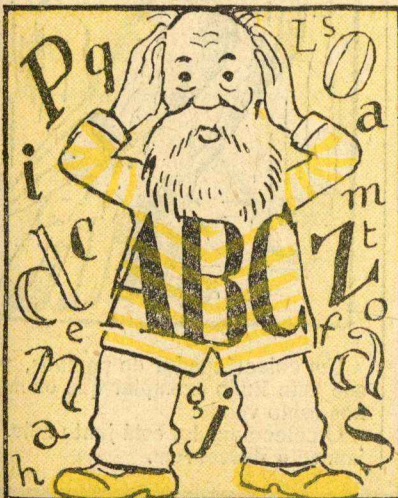
Chorava a O, a gorducha,
porque a C, numa genica,



SS a S fazia
e zigue-zagues a Z,
era enorme a berraria
e tudo isto porquê?

Por tôdas quererem ser
as mais úteis e eficazes
na maneira de escrever,
na composição das frases.

(Continua na pagina 7)



ante a U e ante a A,
pôs-se apregoando: — Aú!

A Q, em frente da É,
muito sonsa, sem dar pio,
pespegou-lhe um pontapé,
mas, por ser coxa, caiu.

Com semelhante revez,
perdeu a M a cabeça
e aproveitou os três pés
para fugir mais depressa.

E tôdas elas berravam,
danadas, fora de si...
Se até o «Foot-Ball» jogaram
com a bolinha da I!



“ CAMPING ”

Por FLECHA SIBILANTE

Meus amiguinhos :

Estão já relativamente próximas as férias grandes. Acabado o ano lectivo e como prémio de várias noites de vela, que certamente passastes fazendo os vossos trabalhos, de alguns domingos em casa, estudando as lições para os dias seguintes, em lugar de irdes para o cinema rir a bandeiras despregadas, com uma fita de Charlot ou do Pampinas, de algumas «dóres de barriga» provocadas por qualquer descuido da vossa parte, de alguns ralhetes do pai-zinho, motivados por alguma partida feita aos vossos camaradas, enfim, das fadigas e canseiras dum ano de estudo aturado, depois de feito o exame com bons resultados, ou tendo obtido média para a passagem de classe, sem dúvida alguma vossos pais, levar-vos-hão a passar umas merecidas férias, a qualquer sítio do vosso agrado.

Uns, preferirão a doce e tranquila paz do campo; outros, a alegre e buliciosa vida de praia.

Falemos do primeiro caso, que é o que oferece mais garantias para umas férias bem gozadas. Certamente que, no decurso do ano, não vos lembrastes da vida que haveis de levar.

Encafuaados em casa e agarrados às Ciências, metendo coisas na cabeça, nem pensastes, sequer, no que seria um passeiozinho de manhãzinha cedo, an-

tes do nascer do Sol, (já estou vendo as vossas caras...) para criar apetite para o almoço, por uma estrada branquinha, marginada por verdes e floridos campos, ouvindo pipilar as avezinhas na ramaria frondosa das árvores, bebendo a água límpida e fresca das fontes, enchendo de ar puro e saudável, contemplando, de perto, essa mãe de todos nós, que é a Natureza?...

Passou-vos pela idéa quanto aprenderéis, sem sequer pegardes num livro, somente por uma natural e racional observação da vossa parte, para com tudo o que vos rodear?

Pensastes já, no tempo feliz, alegre e descuidado, que passariéis em companhia de vossos amiguinhos, organizando passeatas, merendas, jogos, brincadeiras etc., etc.?

Pensastes, já, na despretençiosa e saudável vida, que levaríeis, robustecendo o corpo com exercícios adequados e educando o espirito em comunhão de todos os bens da Natureza?

Pensastes, já, nisto tudo quanto acabo de vos dizer? Infelizmente, creio que não!

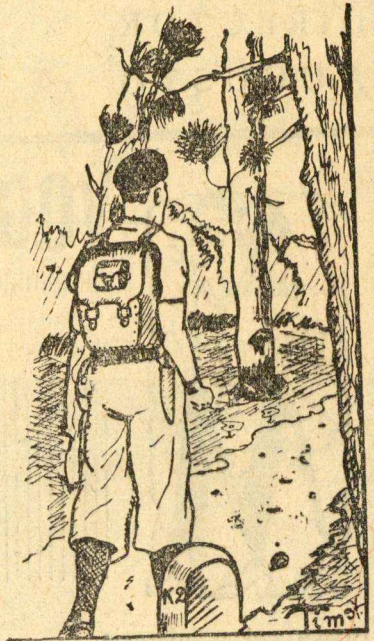
Mas porquê?

«Ai, não sabemos, assim, de nada que nos possa divertir!» é a vossa resposta.

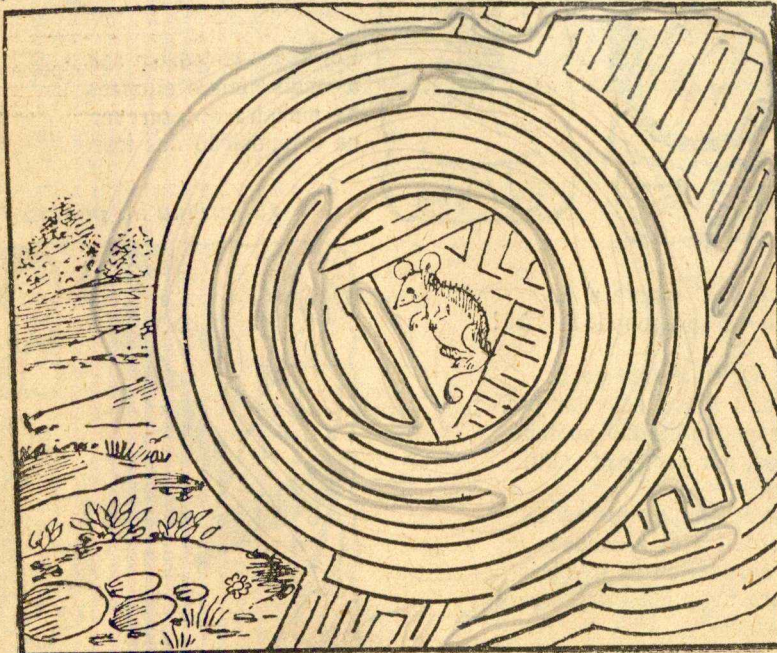
O quê? Não sabeis? Essa é boa!!

Então, haverá alguma coisa que seja mais propicia do que o campo, para

uma vida saudável, sem ter que tomar óleos de ricino e de fígado de bacalhau, sem ter que passar os dias em casa, presos dum aborrecimento atroz, bocejando e enfraquecendo os músculos,

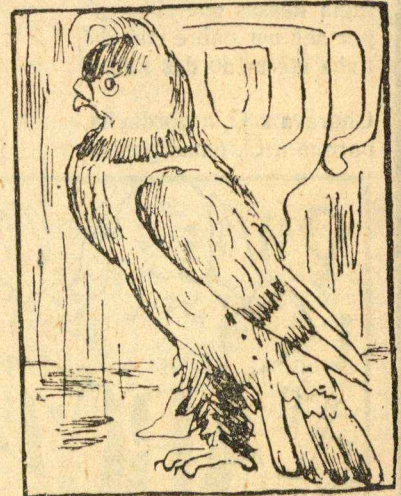


L A B I R I N T O



Meus meninos: — Este rato caiu numa ratoeira. Como poderá sair?!...

ADIVINHA



Um coleccionador de pombos, possui este lindo exemplar que os meninos estão vendo.

O coleccionador está junto d'ele. Vejam se o descobrem.

desobediência castigada

Por MARIA DE JESUS DOS SANTOS



EXISTE na capoeira
Um lindo galo-galão
Um galo de linda raça,
Mas bravo como um leão.

Quando o Quim, o Baló ou o Caiola,
Se aproximam, talvez por distração,
Da capoeira, logo o mariola
Vem a correr e... zás!... dá-lhe um bicão.

Ora, a mãe do Baló, a D. Aurora,
Que olha por tudo com toda a atenção,
Mal o presente, à solta, cá por fóra,
Manda todos brincar para o salão.

Mas o Baló, travêso e fanfarrão,
Desprezando os conselhos da mãizinha,
Sem ela pressentir sai do salão
E vem, numa corrida, p'rá cozinha.

Então, galo-galão, espertalhão...
Em presença daquela corridinha,
Todo enfufado... como um furacão,
Entra, de chôfre, assim, pela cozinha.

E logo, num abrir e fechar d'olhos,
(Como dizia a minha avó Maria)
Atira-se ao miúdo fanfarrão,
Na ponta do nariz dá-lhe um bicão,
Que o faz ver as estrelas ao melo dia.

Aos gritos do nosso «heroi»
Acode a mãe, a criada,
E o travêso do Caiola,
Que tem pancada na mola,
Pôs-se a rir à gargalhada.

Mas a mãe que não perdôa,
Como o leitor está a ver,
Deu-lhe uma dúzia de açoites
No «sim-senhor» a valer.

F I M

estirados ao comprido, em cima duma
cama, vendo voar as mósas?

Digam, meus amiguinhos, haverá?

Não sois escoteiros, pois não? E'
pena, pois, certamente, há muito conhe-
cerieis todas estas coisas. Mas não está
ainda tudo perdido!

Queria propôr uma coisa, a todos os
que se interessam pela vida no campo,
e estou certo que muitos aceitarão a

minha idéa com entusiasmo. E' o se-
guinte:

Quereis aprender nêstes escassos
meses que antecedem as férias grandes,
alguns rudimentos de «camping» que
vos vou ensinar e que vos proporcio-
narão umas férias mais alegres do que
nos outros anos? Quereis? Conto con-
vôsko!

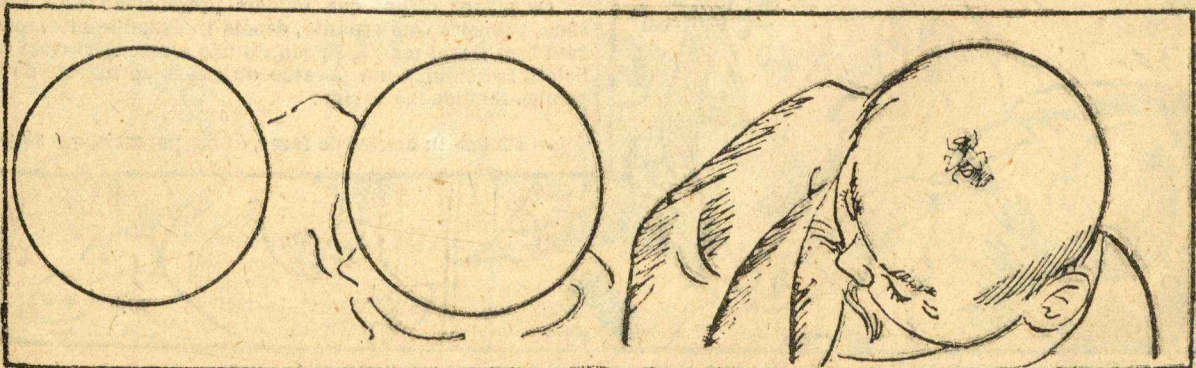
Tratai, então, de juntar mais algum

dinheiro ao que tendes no mealheiro
para, na altura devida, comprar o ma-
terial necessário e que não custa muito
caro.

A nossa primeira lição versará sobre
o que é o «camping» e o bem-estar e
saúde que êste proporciona.

F I M

LIÇÃO DE DESENHO



Como se desenha o conselheiro Acácio visto de um aeroplano

A AVENTURA DO REBOLUDO

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

O Reboludo era, na verdade, o porquinho mais lindo que criara a mãe marrã. Por isso, ela o olhava muito desvanecida, pensando consigo: — «Nunca consentirei que uma pérola destas vá parar à porta dum talho, feita em chouriços, salchichas ou prezuntos.

E, firme na sua resolução, um dia, fugiu da pocilga, com o seu filho preferido.

Correram montes e vales e, por fim, chegaram a uma aldeia, onde havia um rio com lavadeiras.

A mãe marrã, quando as viu distraídas, foi-se a uma trouxa e roubou de lá um belo fato à maruja, que vestiu ao Reboludo. Assim, ninguém podia descobrir que ele era um porco! — dizia, toda babada.

Cobriu-se com um chale, entrou no pátio de um colégio, onde estavam muitos animais que ali recebiam instrução. Estes olharam com curiosidade para o Reboludo. Depois de combinar o preço da educação do seu menino, a mãe marrã despediu-se dele, cheia de lágrimas, por se ver separada do seu filho tão querido.

Tristíssima, voltou sózinha para a mata.

Em pouco tempo, Reboludo tornou-se notado pela sua aplicação aos estudos, fazendo grandes progressos.

Ninguém diria que ele era um porquinho. Os companheiros tinham-lhe muito respeito e o Reboludo, com ares importantes, tratava-os por cima do ombro!

Desde que não se espojava, não focinhava na terra, nem comia bolota, sentia-se um animal superior!

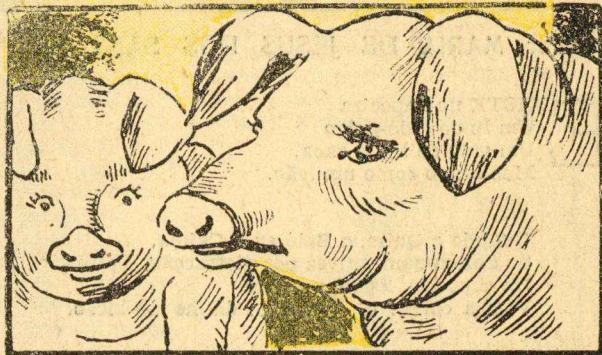
Nenhum dos companheiros sabia que espécie de bicho era aquele mas admiravam, entusiasmados, os seus modos distintos e a maneira elegante como ele comia no prato... principalmente, o cuidado com que se limpava ao guardarapano.

Nada!... Nada!... que o Reboludo tinha grande preocupação de varrer da memória a sua condição de porco!

Enquanto isto se passava, a pobre mãe marrã arrastava, pela mata, uma vida bem triste! Mais de uma vez se viu perseguida pelos cães de caça que, gulosos, farejavam a sua carne saborosa.

Lembrava-se, cheia de saudades, do bom conchego do chiqueiro e, mais que tudo, do seu filho Reboludo por quem se sacrificara com um amor maternal, fora do vulgar.

O Reboludo é que a esquecia por completo, e, cada vez mais sábio, passava de discípulo a professor!



A mãe marrã sofria tormentos e tanta fome passou que decidiu procurar o filho, para lhe pedir protecção.

Dirigiu-se à cidade e chegou ao colégio.

Logo dois criados — uns macacos de librê — lhe impediram a passagem, mas ela mordeu-os e lá conseguiu entrar. Quando avistou o Reboludo, todo solene, de óculos na ponta do nariz, fazendo um discurso aos alunos que o escutavam, cheios de admiração, a mãe marrã avançou e nuns grunhidos trémulos de comção, guinchou:

— «Ai meu rico Reboludo:
Meu filho, meu mais que tudo!
Sou eu, a tua mamã!»

— «Não conheço esta marrã!
Levem-na daqui p'ra fora!
Ela que se vá embora!»
Gritava, cheio de horror,
o ilustre professor,
fingindo não perceber,
sem dar mostras de entender
os grunhidos maternos,
os mil beijinhos e os ais,
da porca que, coitadinha,
suas lágrimas continha,
ao ver essa horrenda acção,
a tamanha ingratidão
daquele filho tão querido!
E, por fim, deu um gemido
que cortava o coração
caído no meio do chão!

Os outros bichos que haviam presenciado esta triste cena, primeiro com espanto, depois indignadíssimos, rodearam logo a mãe marrã. Enquanto uns a reconfortavam com bolota fresquinha, um javardo dirigiu-se ao maroto do Reboludo, falando-lhe assim:

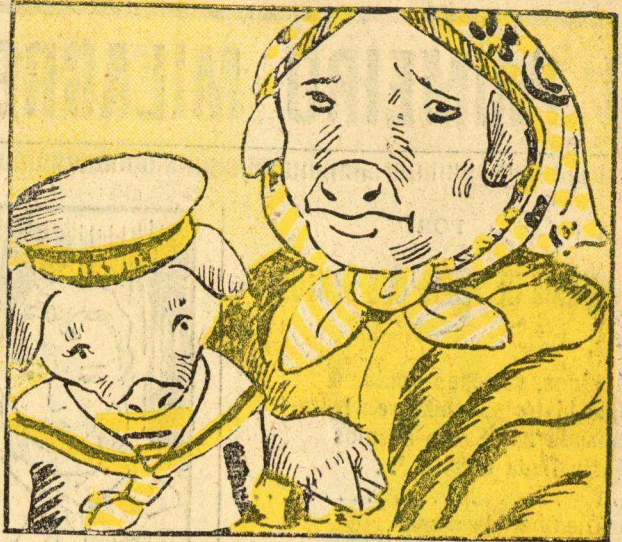
— «O que tu acabas de fazer, é uma porcaria que só pode



vir dum reles porco! Eu, o javardo, que também descendo da tua família, serei o primeiro a castigar-te, filho indigno!» E — zás! — roeu-lhe uma orelha com tal gana que o deixou a zunir! E isto foi logo imitado pelos lobos ferozes e pelos cães terríveis que se atiraram ao maldoso Reboludo com toda a ferocidade e sofreguidão.

Assim, dentada aqui, dentada acolá, o foram comendo vivo, castigo bem merecido pela sua tão grande ingratidão e maldade.

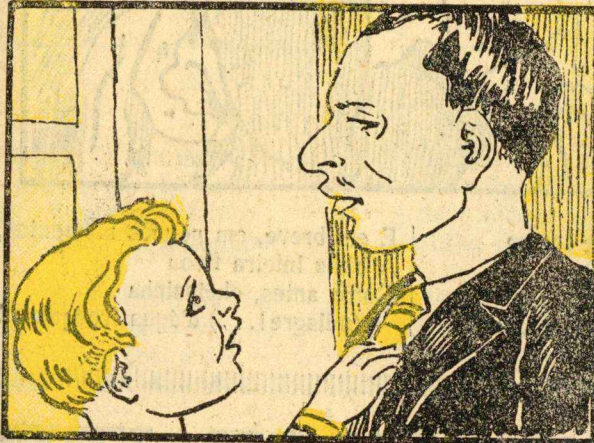
fim



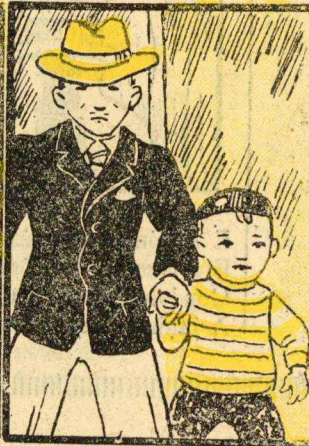
VÊR NA PAGINA 7

CONCURSO: Grandes de Portugal

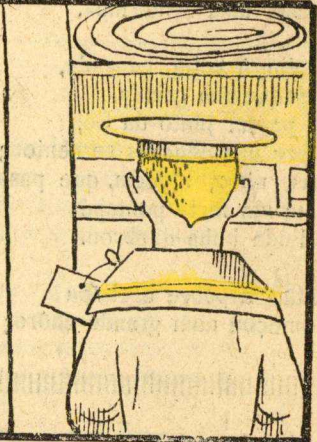
A N E D O T A V E R D A D E I R A



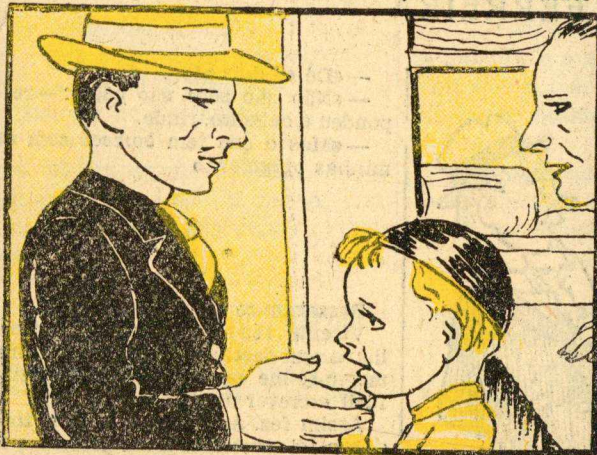
I — Bélinho, que muitas vezes até mesmo os pais intruja, anda a desejar, há meses, ter um fatinho à maruja.



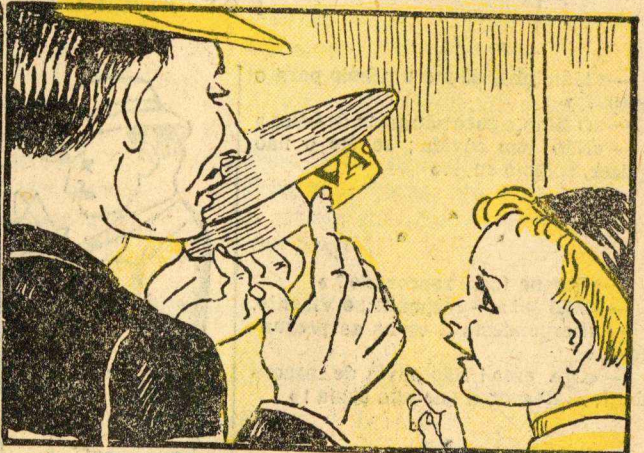
II — Já farto de o ouvir, o pai diz-lhe: — «Cala-te, rapaz!...» Dá-lhe a mão e ei-lo que vai ao alfaiate que os faz.



III — Já na loja o pai rabuja, e acaba por lhe dizer: — «Nada!... Os fatos à maruja são para quem sabe ler.»



IV — Então, o nosso Bélinho, usando de grande treta, insiste pelo fatinho e afirma que já soletra.



V — Pegando, então, no boné, volve o pai para o petiz: — «Já soletras?! Então, lê o que esta fita aqui diz.»

VI — E então, logo o grande «intruja» finge que lê: — «Fê-a-fá, tê-ô-tó, à mé-a-má, ru-jê-à-ja... à maruja!»

O PRIMEIRO MILAGRE de SANTO ANTONIO

POR

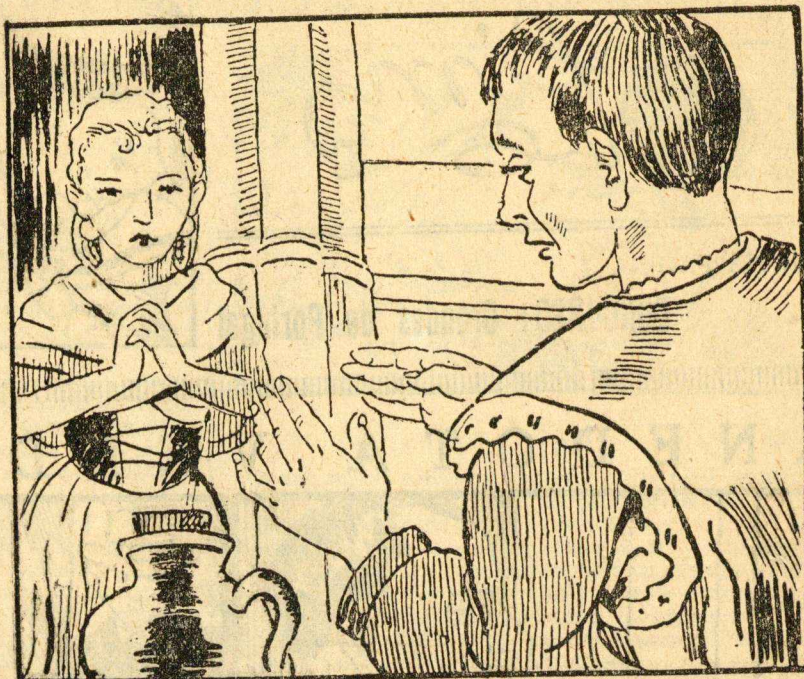
MARIA DE JESUS DOS SANTOS

Meninos, vou-lhes contar
Uma história,— mas real!
Passada há já sete séculos
Nesta linda Capital...

.....
Ao dealbar da manhã,
Uma linda cachopita,
Com seu vestidinho azul,
Rodado — todo taful,
E seu lencinho de chita, —
Fôra à fonte (a pòbrezinha!)
Encher uma cantarinha.

Porém, à volta, cansada,
A pequenina criada,
Ao passar junto da Sé,
Sôbre uns degraus se sentou;
Mas, nisto, alguém, que passou,
Com um forte pontapé
A linda bilha quebrou.

Então, a pobre cachopa
Começou num grande chôro;



E António (que nêsse tempo
Era menino do Côro)
Condôido, começou
A juntar os seus fragmentos

E em breve, em poucos momentos,
A bilha inteira ficou
Como antes, cheiazinha
— (milagre!...) d'água fresquinhal

ANEDOTAS do VICENTE

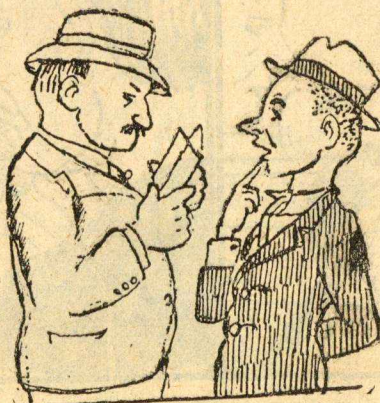
Por MANUEL FERREIRA

— «Máizinha, dê-me um bólo para o gato...»
— «Ó filho, o gato não gosta de bólos.»
— «Não tem dúvida; se êle o não quizer, como-o eu...»

.....
— «Porque fôste reprovado?»
— «Não sei.» — respondeu o Vicente.
— «Respondeste a todas as perguntas?»
— «Ora essa! Não havia de responder!... Respondi que não sabia!»

.....
Vicente foi assistir, certo dia, aos exercicios dos soldados. Perguntou, interessado:

— «Ó pai! Porque será que os soldados têm medo de perder os pés?»



— «Perder os pés?» — observou o tio Alfredo.

— «Sim; porque êles, quando marcham, vão sempre a contá-los: um, dois; um, dois...»

— «Dê cá dois pões...»
— «Não são pões, são pães.» — respondeu o caixeiro, rindo.
— «Mas o que tem bomecê com as minhas opiniões?»

.....
Passaram-se anos.
Vicente fez-se um homem. Trabalhava sem descanso e, em certa altura, meteu-se-lhe na cabeça que lhe seria fácil escrever um livro.

Assim fez. Aprontou a obra e, todo ufano, foi mostrá-la a um professor do liceu.

Mas qual não foi seu espanto quando o professor lhe disse:

— «Meu caro Vicente. O livro está muito bem escrito... Tem coisas boas e coisas novas. Mas as coisas boas não são novas e as novas não são boas...»

CONCURSO:-Grandes de Portugal

VERSOS de FRANCISCO VENTURA — DESENHOS de MANUEL FERREIRA



36

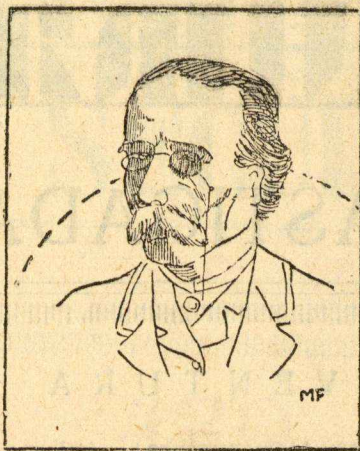
Em tudo foi um gigante!...
E não sei qual foi maior:
Se o ilustre romancista,
Se o poeta ou historiador.

Da vida do triste Eurico,
Fez um romance-epopeia,
Escrevendo com ardor,
Defendendo nobre ideia.

Fez versos belos, profundos,
Cheios de altos sentimentos,
E, pensando em nossa terra,
Cheia de imortais momentos,

E de feitos tão famosos,
Que inda hoje são sem igual,
Um dia, pôs-se a escrever
A História de Portugal.

Não foi bem compreendido,
Pois o mundo é mau e insano,
Mas sempre será lembrado
Nosso



37

Romancista gigantesco,
Que ninguém soube igualar,
Seus romances, tão formosos,
Muito fizeram chorar.

Ainda hoje, eles nos fazem
Bater mais o coração.
Tôda a gente se comove
Ante o Amor de Perdição.

Escreveu tantos volumes,
E todos eles tão belos,
Que os olhos, embevecidos,
Nunca se cansam de lê-los.

E — (vejam lá!) — nunca teve
A ventura e a alegria;
Pois que o Génio e a Desgraça
Nasceram no mesmo dia.

Grande pelo seu talento,
Malquisto porque era franco,
Há-de ser sempre admirado



38

Campo de Flores!... A gente
Lendo essas rimas tão belas,
Julga ouvir as vozes lindas
Dos anjos e das estrélas.

Não são versos como os outros
Que se costumam fazer:
São versos maravilhosos
Que só êle soube escrever.

Tôda a vida é o dia de hoje...
Mas a sua Musa ardente,
É de Ontem, Hoje e Amanhã...
Viverá eternamente!

Pois enquanto houver, no mundo,
Coração, Amôr e Flores,
Há-de rezar-se RAQUEL,
A VIDA e NOITE DE AMORES.

Seus versos não são da terra,
Porque desceram dos céus.
É estréla que nunca morre
Seu nome

CONCURSO GRANDES DE PORTUGAL

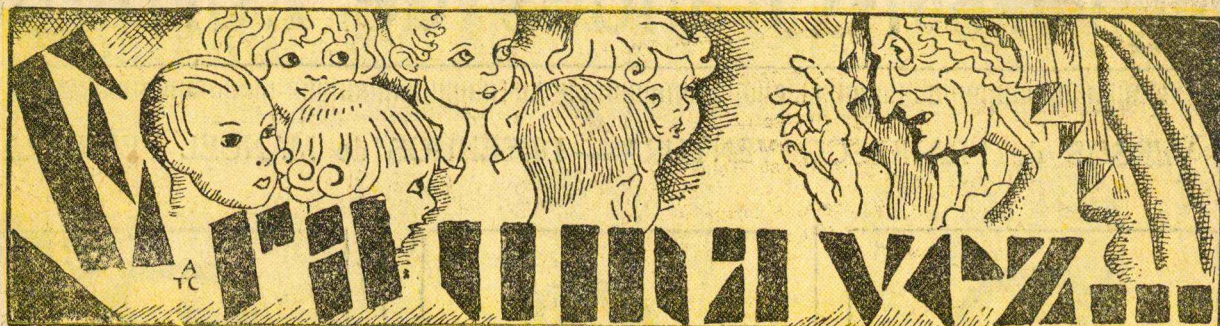
Atendendo a inúmeros pedidos, que demonstram o interesse manifestado pela nossa iniciativa, foi resolvido aumentar para 100 o número de figuras respeitantes ao Concurso.

VOGAIS E CONSOANTES

(Continuação da página 1)

Se o pai não fôsse idiota,
devia dizer às filhas:
— Sòzinhas, vocês dão bota,
juntas, fazem maravilhas.

Pense nisto o Mundo imenso
que anda em sarilhos constantes,
que esta palavra BOM-SENSE
tem vogais e consoantes.



GULA CASTIGADA

Por FELIZ VENTURA

— « **O** menino!... Ainda na cama?! Que vergonha!... (ralhou a boa Joana, entrando no quarto do Toninho que ainda se encontrava muito bem deitado a dormir, a-pesar de serem já dez horas.

Que mandrião (continuou ela.) A Leninha já tomou o leitinho e, a estas horas, com toda a certeza, já anda farta de brincar na quinta. E eu a pensar que o menino já tinha também abalado! Toca a levantar, seu preguiçoso. Vá... que eu vou buscar o leitinho que trouxe, agora, o António, quentinho que é um regalo! »

E a boa Joana, ao dizer isto, saiu em direcção à cozinha. Toninho levantou-



-se lentamente, com muito má vontade e, depois de relancear todo o quarto com os olhos ainda ensonados, pôs-se à janela.

Setembro, nesse ano, corria bastante quente. Os passarinhos cantavam. As árvores cobriam-se de frutos que, por entre a folhagem verde escura, se mostravam frescos e apetitosos.

Toninho olhava e crescia-lhe água na bôca.

— «Que bons deveriam ser — (pensava êle.) E se experimentasse ir colhêr alguns daqueles pêcegos tão belos? E que encarnadinhos!... Decerto que a Joana não viria tão depressa e êle, num instante, podia ir buscar alguns e voltar antes que ela chegasse.»

A janela era baixinha. E se bem o pensou melhor o fez. Calçou-se á pressa e, dum salto, galgou a janela. Levantou-se muito cautelosamente e encaminhou-se para o tal dito pecegueiro cujos belos frutos tanto o tinham tentado.

— «Mas como subir? Nunca na sua vida fizera tal coisa. E se caísse?...»

Estava quasi resolvido a voltar para o quarto mas, ao ver os frutos tão formosos, esqueceu-se de que aqueles pêcegos estavam guardados para os anos da avôzinha. Esqueceu tudo. Num momento, começou a escalada. Por vezes esteve quasi a cair. Quando, por fim chegou lá cima, levava as mãos todas arranhadas.

— «Deixá-lo! Tinha chegado!... pensava Toninho, ao encher as algibeiras de pêcegos, macios como veludo. Tinha já colhido uma boa porção deles quando, ao voltar-se, deu com um pêcego que á simples vista lhe parecera o maior.

A tentação de o colhêr, veio logo ao seu pensamento. Mas, ao colocar o pé sobre o ramo, devido a ser bastante fraco para poder sustentar o seu peso, partiu-se e o Toninho, numa reviravolta, veio estatelar-se no chão. Aos seus gritos aflitivos, acudiram várias pessoas que, sem demora, o conduziram a casa.

Chamado á pressa o médico da família, êste declarou que o estado era de certa gravidade, pois tinha uma clavícula partida e várias contusões no corpo.

Dois meses esteve Toninho ás portas da morte. Todavia, a sua constituição física venceu o mal e ao encontrar-se já convalescente, jurou nunca mais tornar a ser guloso, desobediente e travêso. E cumpriu. Daí em diante, tornou-se um menino exemplar.